

# A Invasão da Arcádia: As cientistas no Campo na América Latina, 1900-1950\*

Pamela Henson \*\*

## Resumo

O artigo discute relações de gênero a partir da atuação de cientistas no campo, na América Latina, na primeira metade do século 20. Aborda questões como a conquista do espaço institucional, a especialização das ciências naturais, o poder dos financiadores e o fazer ciência no campo como rito de passagem. Tomando como exemplo a botânica Agnes Chase, que ascendeu de desenhista amadora a grande especialista em gramíneas, o artigo fornece um rico panorama da ciência com relação à dominação colonial, o interesse pelos trópicos e os preconceitos dos cientistas. Mostra ainda como Agnes Chase, cientista e sufragista, graças a suas viagens pela América Latina, tece uma rede informal e solidária, especialmente com as jovens pesquisadoras.

**Palavras-chave:** Gênero, Ciência, Sufragismo, Redes de Solidariedade.

---

\* Recebido para publicação em julho de 2000. (Tradução: José Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien.)

\*\* Historiadora, Divisão de História Institucional, Arquivos da Smithsonian Institution.

## A Invasão da Arcádia

### Invading Arcadia: Women Scientists in the Field in Latin America, 1900-1950

#### **Abstract**

This paper discusses gender issues confronted by women scientists in the field, in Latin America, in the first half of the 20<sup>th</sup> century. It deals with issues such as the conquest of institutional spaces, the institutionalization of natural sciences, the power of philanthropists and the pursuit of field science as a rite of passage. Using the example of botanist Agnes Chase, who ascended from an amateur botanical painter to a top specialist in grasses, the paper looks at issues ranging from science in relation to colonial domination, the great interest in tropical research, and scientists' attitudes towards women in the field. It shows also, how Agnes Chase, scientist and libertarian, created an informal network, thanks to her travels in Latin American. This network would provide help and career guidance especially for young women researchers.

**Key words:** Gender, Science, Suffragists, Solidarity Network.

“Vamos manter um local onde os verdadeiros pesquisadores possam encontrar tranquilidade, estímulo intelectual intenso e liberdade de qualquer distração externa”.<sup>1</sup> Esta foi a resposta de um eminente naturalista americano opondo-se, em 1924, à proposta da construção de instalações para mulheres no Laboratório Biológico da Ilha de Barro Colorado no Panamá. Nas primeiras décadas do século 20, no rescaldo da guerra hispano-americana e por ocasião do início da construção do Canal do Panamá, os neotrópicos tornaram-se um dos focos principais para a política e a história natural norte-americanas, com financiamento do governo e apoio logístico dos militares às expedições científicas. Com o fechamento da fronteira oeste norte-americana, os neotrópicos assumiram o papel que o oeste desempenhara para uma geração anterior de exploradores do século 19. No mundo pós-darwiniano, uma pesquisa de campo nos trópicos, com sua rica fauna, tornou-se um rito de passagem e uma estrada para a fama para os jovens naturalistas norte-americanos. E por décadas, durante e depois da vitoriosa campanha do sufrágio feminino nos Estados Unidos, as tensões entre homens e mulheres permaneceram acirradas, em casa, nas urnas, e na estação de campo.

O trabalho de campo na América Latina tornou-se crucial para as cientistas trabalhando sobre organismos que migraram para lá ou cuja distribuição geográfica se expandia pelas Américas. As primeiras mulheres que realizaram trabalho de campo nos trópicos encontraram muitas das conhecidas barreiras às mulheres profissionais, bem como os desafios de tratar com ambientes e culturas desconhecidas. Essas mulheres tinham que enfrentar o senso comum sobre os trópicos como um lugar inapropriado para mulheres. Os neotrópicos adquiriram uma aura arcadiana e romântica como um lugar ainda selvagem, não

---

<sup>1</sup> David Fairchild a Thomas Barbour, 10 de setembro de 1924. Caixa 1, Área Biológica da Zona do Canal (CZBA), Registros, 1918-1964 - RU, Smithsonian Institution Archives (SAI).

## A Invasão da Arcádia

domesticado pela sociedade industrial moderna. Teddy Roosevelt e seus *Rough Riders*<sup>2</sup> estabeleceram uma imagem de machismo para aqueles que conquistariam essas terras exóticas. Como a região neotrópica tornou-se o foco de tanta atenção científica, as cientistas tiveram que buscar ali um nicho para poderem progredir em suas carreiras.<sup>3</sup>

“Devo, de algum modo, relutar em enviar uma mulher - O levantamento biológico da Zona do Canal do Panamá, 1911-1912”: Em 23 de fevereiro de 1904, o Senado americano ratificou o Tratado de Hay-Buena-Varilla, que permitiu a construção do Canal do Panamá. Apesar de seu otimismo, o presidente Theodore Roosevelt sabia das muitas dificuldades a serem vencidas. Dentre elas, e longe de serem as menores, estavam as doenças - febre amarela e malária - que haviam dizimado os esforços franceses no Panamá nas décadas de 1870 e 1880, causando a morte de tantos trabalhadores. Roosevelt sabia, graças a sua experiência na guerra hispano-americana, que a doença podia ser o mais formidável dos inimigos; para cada soldado morto em combate em Cuba, 13 haviam morrido de doenças como a febre amarela, a malária e o tifo. Um grupo de cientistas foi enviado ao Panamá para controlar as doenças, sob o comando do Coronel William C. Gorgas.<sup>4</sup>

Os naturalistas enviados ao Panamá também acreditavam que esse enorme projeto de construção perturbaria o meio ambiente e complicaria os problemas de compreensão da distribuição geográfica de plantas e animais na região. Assim,

---

<sup>2</sup> *Rough Riders* eram os milicianos arregimentados e depois comandados por Roosevelt na Primeira Divisão de Cavalaria Voluntária dos Estados Unidos na guerra hispano-americana de 1898, composta de vaqueiros e caçadores do Oeste e atletas e esportistas universitários do Leste. (N.T.)

<sup>3</sup> WHEELER, William Morton. The Dry Rot of Our Academic Biology. *Science* 57 1923, pp.61-71.

<sup>4</sup> McCULLOUGH, David. *The Path Between the Seas: The Creation of the Panama Canal 1870-1914*. New York, Simon Schuster, 1977, pp.120-23, 200-203, 252-253, 392-398, 405-408.

desejavam realizar um levantamento da flora e fauna do istmo e da vida marinha nas costas do Atlântico e do Pacífico antes da construção do canal. Sob demanda dos colegas, representantes da Smithsonian Institution solicitaram ao presidente Theodore Roosevelt apoio governamental para um levantamento biológico da região. Roosevelt havia sido um naturalista na juventude e mantinha estreitas relações com os naturalistas da Smithsonian. No mesmo ano, a instituição financiou a Expedição Africana Smithsonian-Roosevelt, e os espécimens dos grandes animais caçados na expedição foram exibidos quando o novo prédio do Museu Nacional dos Estados Unidos foi inaugurado em 1911. Roosevelt acolheu imediatamente o pedido de uma expedição ao Panamá. Com recursos adicionais de filantropos, de 1911 a 1912, a Smithsonian financiou um levantamento biológico em larga escala na Zona do Canal do Panamá. Auxílios-viagem foram concedidos a naturalistas dos Departamentos de Agricultura e de Comércio dos Estados Unidos, da Smithsonian Institution, de museus, *colleges* e universidades.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Para informações sobre a Expedição Africana Smithsonian-Roosevelt, veja Caixa 1, Theodore Roosevelt Collection, RU 7472, SIA. Edgar Alexander Mearns Papers, 1871-1916, RU 7083; e Edmund Heller Paper, 1898-1918, RU 7175, SIA. Como Philip Pauly observou, Roosevelt abandonou sua planejada carreira em história natural porque esta se tornara predominantemente um campo para o gênero feminino. PAULY, Philip J. Summer Resort and Scientific Discipline: Woods Hole and the Structure of American Biology, 1882-1925. In: RAINGER, Ronald *et alii.* (eds.) *The American Development of Biology*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1988, p.126; BURROUGHS, John. *Camping and Tramping with President Roosevelt*. New York, Arno Press, (1907) 1970; McCULLOUGH, David. *Morning on Horseback*. New York, Simon & Schuster, 1981, pp.114-122, 162-163, 213-214; WILSON, Robert L. *Theodore Roosevelt, Outdoorsman*. New York, Winchester Press, 1971, pp.1-17, 20, 141-142, 172-202. Smithsonian Biological Survey of the Panama Canal Zone, *Expeditions Organized or Participated by the Smithsonian Institution in 1910 and 1911*, Smithsonian Miscellaneous Collections, vol. 59, n° 11, Washington D.C. Smithsonian Institution, 1912, pp.15-17-18; Completion of the Biological Survey of the Panama Canal Zone, *Explorations and Field-Work of the Smithsonian Institution in 1912*, Smithsonian Institution, 1913, p.62; HECKADON-MORENO, Stanley. El Instituto Smithsonian y el reconocimiento biológico de Panama 1910-

## A Invasão da Arcádia

As cientistas que desejaram participar nessa operação de grande escala depararam-se com portas fechadas. “Duvido muito que seja aconselhável contratar mulheres para esse fim”, escreveu o funcionário encarregado da distribuição das verbas. A questão fora levantada por Albert Spear Hitchcock (1865-1935) um agrostologista – especialista em gramíneas – do Bureau of Plant Industry (Escritório da Indústria de Plantas) do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Hitchcock era também Curador Honorário do Herbário Nacional da Smithsonian. Hitchcock e sua assistente, Agnes Chase, trabalharam no Herbário Nacional durante a maior parte de suas carreiras, embora fossem pagos pelo Departamento de Agricultura. Hitchcock coletou plantas no Panamá em 1911 como membro da expedição da Smithsonian. Ao terminar seu trabalho de campo, possuía um saldo bancário de US\$ 54, do total de sua bolsa-viagem de US\$ 300. Recomendou a seu supervisor, Frederick V. Coville (1867-1937) que Chase fosse enviada ao Panamá para o segundo ano da coleta. Ela deveria, como era comum, utilizar seus próprios financiamentos para cobrir as despesas de viagem além dos mencionados US\$ 54, mas enquanto membro de uma equipe de pesquisa oficial, teria o apoio logístico do exército americano, da Comissão do Canal do Panamá e do Departamento de Estado. Hitchcock conclui:

Devo acrescentar que penso não existir motivo pelo qual uma mulher não seria capaz de realizar trabalhos botânicos dentro dos limites da Zona do Canal tão bem quanto um homem. No que se refere à saúde ou segurança pessoal, as condições são plenamente satisfatórias. E como existem muitas mulheres contratadas pela Comissão do Canal como professoras e escriturárias, a provisão de alojamento e infra-

---

1912. *Epocas Segunda Era* 10, outubro de 1995, p.11 e Estudios zoologicos de E. A. Goldman en Cerro Azul y Portobello, 1910-1911. *Epocas Segunda Era* 10, dezembro de 1995, p.9.

estrutura não deve causar nenhum problema às autoridades.<sup>6</sup>

Coville, o principal botânico do Departamento de Agricultura americano e Curador Honorário do Herbário Nacional, tinha suas dúvidas, mas após discussão com Hitchcock, ele encaminhou a recomendação a Frederick W. True (1858-1914), Secretário Assistente da Smithsonian, quem controlava o dinheiro para a expedição. Coville escreveu:

Depois de conversar com professor Hitchcock, estou disposto a recomendar a adoção de sua recomendação. A sra. Chase é uma de nossos melhores pesquisadores em botânica sistemática, dedicando-se principalmente às gramíneas. Talvez se lembre que ela é co-autora, com o professor Hitchcock, de *The North American Species of Panicum...* Realizou, com sucesso, várias viagens de coleta para o Departamento de Agricultura... e sempre avaliamos seu trabalho de campo como satisfatório em todos os aspectos.<sup>7</sup>

Não era um endosso morno. Coville estabeleceu suas credenciais, “Chase é uma de nossos melhores pesquisadores em botânica sistemática” e co-autora de publicações importantes e,

---

<sup>6</sup> Frederick W. True para Charles Doolittle Walcott, 24 de janeiro de 1912, e Alvet s. Hitchcock para Frederick V. Coville, 8 de janeiro de 1912, Caixa 43, Pasta 2, Office of the Secretary, Charles D. Walcotts, Registros, 1907-1924, RU 45, SAI; CHASE, Agnes. Obituary, Albert Spear Hitchcock *Science*, vol. 83, n° 2149, 6 de março de 1936, pp.222-224. Assim como Chase e Hitchcock, Coville trabalhou no Herbário Nacional do Smithsonian durante a maior parte de sua carreira, mas era pago pelo Departamento de Agricultura dos E.U.A. GLENN, Susan W. Frederick V. Coville. In: STERLING, Keir B. *et alii.* (eds.) *Biographical Dictionary of American and Canadian Naturalists and Environmentalists*. Westport, Connecticut, Greenwood Press, 1997, pp.177-178; e MAXON, William R. Frederick V. Coville. *Science*, vol. 85, n° 2203, 19 de março de 1937, pp.280-281.

<sup>7</sup> Frederick V. Coville para Frederick W. True, 10 de janeiro de 1912, Caixa 42, Pasta 2, Registros do Secretário, 1907-1924, RU 45, SIA. COX, William E. Frederick W. True. *Biographical Dictionary of Naturalists*. pp.785-87.

## A Invasão da Arcádia

Coville argumentava, provou ser uma pesquisadora de campo altamente competente.

Entretanto, True rejeitou o pedido, escrevendo a Charles Doolittle Walcott (1850-1927), secretário da Smithsonian:

Sinto dizer que sou incapaz de recomendar o envio da sra. Chase à Zona do Canal em conexão com o Levantamento Biológico, tanto porque duvido que a soma mencionada pelo professor Hitchcock seja suficiente para suas despesas como porque duvido que seja recomendável contratar os serviços de uma mulher para tal fim.

Aceitando o conselho de True, o secretário Walcott escreveu a Coville:

...lamento informar que penso não ser possível concordar com seus desejos nesse assunto. Eu ficaria um tanto relutante em enviar uma mulher em uma missão desse tipo, e, além disso, as despesas que seriam envolvidas seriam muito superiores às disponíveis no balanço do prof. Hitchcock.

Dois motivos são dados para a rejeição da afirmação de Hitchcock, de que isso fosse adequado para uma mulher e um outro financeiro. Ambos derivam da lógica de esferas separadas para homens e mulheres e da sovicine masculina, detalhadas por Rossiter em seu trabalho sobre mulheres cientistas no século XIX. Quando o secretário Walcott acatou a recomendação de True, a expedição do Panamá continuou como um empreendimento totalmente masculino.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Frederick W. True para Frederick V. Coville, 13 de janeiro de 1912, True para Charles D. Walcott, 24 de janeiro de 1912, e Charles D. Walcott para Frederick V. Coville, 31 de janeiro de 1912. Caixa 43, Folder 2, Registros do Secretário, 1907-1924, SIA. ROSSITER, Margaret W. *Women Scientists in America: Struggles and Strategies to 1940*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1982, pp.51-72; YOCHELSON, Ellis L. Charles Doolittle Walcott. *Biographical Dictionary of Naturalists*, pp.803-806.

Dado o número de americanos no Panamá naquela época, as respostas de True e Walcott não podem ser baseadas na preocupação real com o bem-estar de Chase. A identificação do mosquito *Anopheles* como vetor da malária e do mosquito *Stegomyia* como vetor da febre amarela deslanchara uma enorme campanha de saúde pública que fez do Panamá o lugar mais seguro dos trópicos, e talvez das Américas. Em 1911, 15.000 turistas visitaram o Panamá para observar o espetacular projeto de construção; em 1912, quase 20.000. Como Hitchcock observou, muitas americanas viviam na Zona do Canal e assim existia infraestrutura para as mulheres. De fato, quando o historiador Charles Francis Adams visitou o Panamá em 1911, ficou impressionado em como a vida parecia semelhante à de Boston e escreveu:

As condições materiais, sociais e meteorológicas seriam melhores em todos os aspectos se comparadas com aquelas a que estamos acostumados em meio ao verão; a diferença mais notável era a mais completa ausência de insetos.

O Panamá, com certeza, não era mais um ambiente letal, nem mesmo perigoso, para as mulheres ou os homens.<sup>9</sup>

Walcott, o secretário da Smithsonian, logo aprenderia pessoalmente que as mulheres podiam coletar, com sucesso, plantas no campo. Em 1914, casou-se com Mary Vaux Walcott (1860-1940), que o acompanhou em suas excursões geológicas anuais ao Canadá, coletando, fotografando e desenhando flores selvagens. A partir de 1887, ela visitou, com sua família, as Montanhas Rochosas canadenses todos os verões, tornando-se uma excelente alpinista. Em 1900, tornou-se a primeira mulher a escalar o Monte Stephen na Columbia Britânica. Apesar desses feitos, a sra. Walcott permaneceu na periferia da ciência, dentro da esfera protetora da família, ajudando seu marido com a logística do acampamento e limitando seu trabalho à reprodução

---

<sup>9</sup> Hitchcock para Coville, 8 de janeiro de 1912, op. cit.; McCULLOUGH, D. *Path Between Seas*. Op. cit., pp.418-420, 554-556.

artística de flores.<sup>10</sup> Chase, ao contrário, propunha realizar seu próprio trabalho de campo sozinha.

Chase era uma pioneira entre as mulheres que ingressavam na ciência como profissionais pagas. A botânica era considerada um objetivo apropriado para as mulheres interessadas na natureza desde os anos 1760. Como Shteir demonstrou em sua pesquisa sobre os botânicos ingleses como, por exemplo, Hookers, a botânica tornou-se uma ocupação familiar, com as mulheres preparando ilustrações científicas, tomando notas e editando publicações. A “botânica” tornou-se um passatempo popular na era vitoriana, com muitas mulheres colecionando e prensando amostras de samambaias e flores silvestres. No final do século XIX, algumas mulheres puderam assumir cargos profissionais em botânica. De fato, a botânica tornou-se tão identificada com as mulheres que, em 1887, um artigo na revista *Science* portava o título “Is Botany a Suitable Study for Young Men?” (A botânica é um estudo apropriado para um jovem?) Como Rossiter mostrou, o governo, especialmente o Escritório de Plantas Industriais do Departamento de Agricultura, forneceu algumas das melhores oportunidades às mulheres cientistas na virada do século. Normalmente contratadas para os cargos com baixo salário de “cientista assistente”, mais de vinte mulheres trabalharam no Escritório de Plantas Industriais entre os anos 1880 e 1920. Essas mulheres cientistas, porém ainda tinham que superar muitos obstáculos para completar suas pesquisas.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> SOLOMON, Geri E. Mary Vaux Walcott. *Biographical Dictionary of Naturalists*, pp.807-808.

<sup>11</sup> ROSSITER, M. W. *Women Scientists in America...* Op. cit., pp.60-63; KEENEY, Elizabeth. *The Botanizers: Amateur Scientists in Nineteenth-Century America*. Tese de doutoramento, University of Wisconsin, Madison, 1985, pp.11-12, 35, 41-43, 57-80, 102-105, 161-187; RUDOLPH, Emanuel D. *Women in Nineteenth Century American Botany; A Generally Unrecognized Constituency*. *American Journal of Botany* 69, 1982, pp.1346-1355; SHTEIR, An B. *Cultivating Women*. In: *Cultivating Science: Flora's Daughter and Botany in England, 1760 to 1860*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1996, pp.19-22.

### Conduta indigna de um funcionário do governo – Agnes Chase

Agnes Chase (1869-1963) foi admitida no Departamento de Agricultura como ilustradora botânica. Nascida com o nome de Mary Agnes Meara no condado de Iroquois, Illinois, em 1869, Chase frequentou a escola e depois começou a trabalhar para ajudar no sustento da família. Trabalhou como revisora e compositora para *The School Herald* e, em 1888, casou-se com o editor, William Ingraham Chase. Ele morreu menos de um ano depois, deixando a jovem viúva com dívidas consideráveis. Ela continuou trabalhando no campo editorial e as plantas tornaram-se seu passatempo favorito. A mostra botânica na Columbian Exhibition de 1893, em Chicago, estimulou seu interesse e, em 1897, Chase já fazia um registro de suas coleções. Um colega botânico, reverendo Ellsworth Jerome Hille, a encorajou e contratou seus serviços para ilustrar as muitas novas espécies que estava descrevendo. Suas ilustrações científicas chamaram a atenção de Charles Frederick Millpaugh, curador de botânica no Field Museum of Natural History de Chicago, que a contratou para produzir ilustrações para suas publicações na virada do século. Ele também a encorajou a aceitar o posto de “inspetor de carne” para o Departamento de Agricultura nos abatedouros de Chicago em 1901, e depois, em 1903, candidatar-se ao posto de artista botânico no Escritório de Plantas Industriais do Departamento de Agricultura em Washington, D.C.<sup>12</sup>

Ilustrações botânicas era um papel aceitável para as mulheres daquela época. Como mostrou Kohlstedt, a arte, um objetivo “feminino”, era um meio das mulheres trabalharem nas periferias da ciência sem “bagunçar o coreto”. A ilustração

---

<sup>12</sup> HENSON, Pamela H. Foreword. In: CLARK, Lynn G. and POHL, Richard W. (eds.) *Agnes Chase's First Book of Grasses: The Structure of Grasses Explained for Beginners*. 4<sup>th</sup> edition, Washington D.C., Smithsonian Institution Press, 1996, pp.xiii-xvi; STIEBER, Michale T. Chase, Mary Agnes. In: SICHERMAN, Barbara *et alii*. (eds.) *Notable American Women: The Modern Period*. Cambridge, Massachusetts, Belknap Press of Harvard University Press, 1980, pp.146-148.

## A Invasão da Arcádia

científica foi seu bilhete de ingresso na ciência profissional, mas Chase não se contentou em permanecer na periferia da ciência e lutou sem descanso para alcançar seu objetivo de trabalho no centro da ciência. Com o forte apoio de Hitchcock, desenvolveu suas habilidades como botânica e, conseqüentemente, assumiu um cargo científico profissional. Chase passava suas noites no Herbário, aperfeiçoando-se na sistemática das gramíneas. Publicou seu primeiro artigo em 1906 e acabou tornando-se a mais conhecida especialista de gramíneas no mundo. Em 1907, foi nomeada cientista assistente de agrostologia sistemática, um cargo mal pago, tipicamente oferecido às mulheres. Finalmente, em 1923, ela foi promovida a botânica assistente; em 1925 a botânica associada e, depois da morte de Hitchcock, em 1936, a botânica senior. Também trabalhou como “curadora honorária” de gramíneas no Herbário Nacional, parte da Smithsonian Institution. Após sua aposentaria do Departamento de Agricultura em 1939, ela foi também nomeada pesquisadora associada da Smithsonian, e continuou sua pesquisa botânica até sua morte em 1963. A Smithsonian contava com várias mulheres antropólogas em seu Escritório de Etnologia Americana, mas só uma outra mulher cientista no Museu Nacional, Mary Jane Rathbun, curadora de invertebrados marinhos. Rathbun ingressara na ciência ajudando seu irmão, Richard Rathbun, em uma estação de campo em Woods Hole, Massachusetts, e no museu e, mais tarde, assumiu as tarefas (não remuneradas) de curadora. Chase foi capaz de penetrar nesse domínio predominantemente masculino, porque era uma mulher brilhante, talentosa e muito determinada e recebeu forte e consistente apoio de Hitchcock. Chase e Rathbun jamais receberam uma educação formal em seus campos científicos, embora no final do século XIX, as mulheres já pudessem ingressar nas escolas de pós-graduação e receber seus diplomas avançados. Após a graduação, entretanto, os trabalhos permaneciam limitados aos cargos de professora nas escolas secundárias, aos *colleges* femininos e às organizações como o Escritório de Plantas Industriais. Chase e Rathbun estavam entre

as que abriram uma brecha na porta do laboratório para mulheres que desejassem fazer parte da ciência.<sup>13</sup>

Durante a primeira década do século XX, Chase e Hitchcock estudaram as gramíneas da América do Norte, produzindo a obra definitiva, *North American Species of Panicum*, (Espécies norte-americanas de Panicum) publicada em 1910. Hitchcock acreditava que a classificação não deveria ser baseada apenas em espécimes de herbário. O trabalho de campo era fundamental para determinar a distribuição, o ambiente e o ciclo vital. Chase e Hitchcock observaram no prefácio que a monografia era fraca na cobertura de gramíneas das regiões tropicais da América do Norte. Assim, voltaram-se para essa região. Em 1910, Hitchcock coletou por todo o México, enquanto Chase concentrou-se na região de Sonora. O apoio fornecido pela Expedição Smithsonian demonstrou ser ideal pra Hitchcock em 1911, e poderia ter sido também para Chase. Os grupos que Chase estudava a fundo são encontrados por toda a América do Norte, Central e do Sul. Ela coletara exaustivamente na América do Norte e agora precisava colecionar mais ao sul. Assim, buscou, sem sucesso, o apoio de um projeto grande, bem financiado, para o tipo de trabalho que fazia. Não temos evidência de como reagiu a esse insucesso, mas

---

<sup>13</sup> HENSON, P. Foreword. Op.cit., pp.xii-xvi; STIEBER, M.T. Chase, Mary Agnes. Op.cit., pp.147-148; FOSBERG, F. Raymond e SWALLEN, Jason R. Agnes Chase. *Taxon* 8, maio de 1959, pp.145-151; GLAZER, Penina Midgal e SLATE, Miriam. *Unequal Colleagues; The Entrance of Women into the Professions, 1840-1940*. New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 1987, pp.119-128; HENSON, Pamela M. Chase, Mary Agnes. *Dictionary of American Biography*, Supplement 7, New York, Charles Scribner's Sons, 1981; ISELEY, Duane. Mary Anne Chase (1869-1963). In: *One Hundred and One Botanists*. Ames, Iowa, Iowa State University Press, 1994, pp. 303-305; KOHLSTEDT, Sally Gregory. In from the Periphery: Women in Early American Anthropology. In: HELM, June. (ed.) *Pioneers of American Anthropology: The Uses of Biography*. Seattle, University of Washington Press, 1996, pp.29-81; SOLOMON, Barbara Miller. *In the Company of Educated Women: A History of Women and Higher Education in America*. New Haven, Connecticut, Yale University Press, 1985, pp.43-61, 63-64, 78-90, 115-118, 126-139; STERLING, Keir B. Rathbun Mary Jane. *Biographical Dictionary of Naturalists*, pp.661-662.

isso não impediu os dois botânicos de continuarem com suas pesquisas. Hitchcock realizou trabalho de campo na Jamaica e Trinidad em 1912. Em 1913, Chase viajou para Porto Rico, então colônia norte-americana, para colecionar gramíneas. Em 1915, Hitchcock e Chase publicaram *Tropical North American Species of Panicum* (Espécies tropicais de Panicum da América do Norte) e, em 1917, *Grasses of the West Indies* (Gramíneas das Índias Ocidentais), baseado principalmente em seus trabalho de campo de 1913. Hitchcock e Chase desenvolveram uma rede de correspondência e permuta de espécimes por toda a América Latina, como parte de seus planos globais de coletar, descrever e classificar todas as gramíneas das Américas. Essas relações escritas desempenhariam, mais tarde, papel importante na carreira de Chase. A oportunidade de realizar trabalho de campo nos trópicos foi crucial para a progressão da carreira de Chase enquanto ela e seu mentor realizavam um programa sistemático de pesquisa sobre as gramíneas das Américas.<sup>14</sup>

Chase prezava os direitos da mulher, especialmente o sufrágio feminino. Quando o movimento sufragista nos Estados Unidos dividiu-se, devido à diferença de táticas, Chase alinhou-se ao *Women's Party* (Partido das Mulheres), mais radical, dirigido por Alice Paul. O *Women's Party* empreendeu uma campanha agressiva contra o presidente Woodrow Wilson, a quem as mulheres criticavam por não ter se comprometido com o sufrágio feminino em sua campanha. O *Women's Party* formou um piquete em frente à Casa Branca e manteve continuamente acesa uma

---

<sup>14</sup> As cadernetas de campo de Agnes Chase estão localizadas em Notas Coletadas, Listas e Catálogos sobre Plantas, 1825-1966, RU 1010014, Departamento de Botânica, Museu Nacional de História Natural. HITCHCOCK, Albert S. e CHASE, Agnes. *North American Species of Panicum, Contributions from the U.S. National Herbarium*. Washington, D.C., Smithsonian Institution, 1910, vol. 15; *Tropical North American Species of Panicum, Contributions from the U.S. National Herbarium*. Washington, D.C., Smithsonian Institution, 1915, vol. 17, vii, pp.459-60; *Grasses of the West Indies, Contributions from the U.S. National Herbarium*. Washington, D.C., Smithsonian Institution, 1917, vol. 18; HENSON, P. Foreword. Op.cit., p.xiv.

fogueira com as cópias de todos os discursos do presidente Wilson que se referiam à liberdade. Em janeiro de 1915, Chase foi presa por dez dias por participar de uma manifestação na Praça Lafayette, em frente à Casa Branca, e foi alimentada à força durante uma greve de fome na prisão. Foi presa novamente, por cinco dias em agosto de 1918, por manter acesa a fogueira com os discursos de Wilson. Quando retornou ao trabalho, Chase foi ameaçada de demissão “por conduta indigna de um funcionário do governo”, mas foi defendida vigorosamente por Hitchcock e manteve seu emprego. Chase tinha opiniões políticas “radicais” sobre muitos assuntos. Sempre foi uma socialista e pacifista e também apoiou a proibição do álcool e do tabaco, e, como membro da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor, apoiava os direitos dos afro-americanos. Nas décadas seguintes ao sufrágio feminino em 1920, Chase seguiu sua carreira e consciência social, mas aprendeu que muitas portas ainda estavam fechadas às mulheres apesar da promulgação da 19ª Emenda. Viajou aos neotrópicos muitas vezes, mas sempre sozinha e sem o apoio logístico e financeiro de muitas expedições e organizações formais na América latina daqueles anos.<sup>15</sup>

### Um lugar para “verdadeiros homens de pesquisa” –

---

<sup>15</sup> HENSON, P. Foreword. Op.cit., pp.xiv-xv; ROSSITER, M. W. *Women Scientists in America...* Op. cit., p.116; STIEBER, M.T. Chase, Mary Agnes. Op.cit., pp.147-148; FORD, Linda G. *Iron-Jawed Angels: The Suffrage Militancy of the National Woman's Party, 1912-1920*. Lanham, Maryland, University Press of America, Inc., 1991, pp.123-138, 197-217, o papel de Chase é discutido nas páginas 137, 204 e 212; IRWIN, Inez Haynes. *Up Hill with Banners Flying*. Penobscot, Maine, Traversity Press, 1964, pp.198-299, 344-375, quanto a Chase ver p.366; STEVENS, Doris. *Jailed for Freedom*. New York, Schocken Books, Inc., 1976, p.356.

### O Laboratório Biológico da Ilha de Barro Colorado no Panamá

Após a Primeira Guerra Mundial, havia vários esforços organizados para facilitar os estudos biológicos dos neotrópicos. Em 1921, um consórcio de museus e universidades, coordenado pelo Conselho Nacional de Pesquisas americano, fundou o Instituto para Pesquisa na América Tropical para estabelecer estações de campo permanentes. Hitchcock, o supervisor de Chase, estava profundamente envolvido no planejamento inicial dessas estações. Seus pontos de vista, porém, foram rapidamente suplantados por homens ricos e influentes com diferentes concepções sobre questões de gênero. Thomas Barbour (1884-1946), o rico diretor do Museu de Zoologia Comparada da Universidade Harvard, era o líder desse movimento. Em 1922, seu colega de Harvard, o entomologista William Morton Wheeler (1865-1937), contactou-o para estabelecer uma estação de campo no Panamá. A facilidade de acesso por vapor desde os Estados Unidos e o apoio logístico dos militares norte-americanos, da Comissão do Canal do Panamá e da *United Fruit Company* tornavam esse lugar muito atrativo. Wheeler e James Zetek (1886-1959), um entomologista do Departamento de Agricultura que vivia no Panamá, localizaram uma pequena ilha que poderia ser o lugar ideal. A ilha de Barro Colorado era um topo de montanha, mas quando o rio Chagres foi represado para criar os lagos do Canal do Panamá, tornou-se uma ilha. Contava com poucos habitantes, mas com rica flora e fauna. Em 1923, Hay Morrow, governador da Zona do Canal, transformou o local de 4.000 acres em reserva natural. Menos de um ano depois, com financiamento de Barbour e vários outros patrocinadores ricos, o Laboratório Biológico da Ilha de Barro Colorado (IBC) foi aberto à pesquisa. Durante seus primeiros vinte anos, o Laboratório da IBC foi uma instituição privada, subsistindo graças às taxas anuais das grandes faculdades e museus e às doações de patrocinadores ricos. A maioria dos cientistas envolvidos na criação das instalações da IBC havia trabalhado em estações de campo como a Estação

Zoológica de Nápoles na Itália e no Laboratório de Biologia Marinha em Woods Hole, Massachusetts. Eles utilizaram essas estações como inspiração e modelo. Como uma fotografia da inauguração em 1924 mostra, o ambiente não era inóspito às mulheres, e várias mulheres cientistas tinham esperança de poder realizar aí seus estudos de campo sobre os trópicos. Em 1925, aproximadamente nove mulheres cientistas ou esposas de cientistas visitaram a estação, incluindo as doutoras Helen Choate e Frances Grace Smith do Smith College, Dorothy L. Popoenoe dos Jardins Botânicos Reais em Kew, Inglaterra, Elizabeth Deichmann do Real Museu Zoológico de Copenhague, Dinamarca e a sra. Marjoree Allee, que ajudava o marido. As mulheres cientistas esperavam ter acesso a IBC igual ao que haviam conseguido na Estação Zoológica de Nápoles na Itália e no Laboratório de Biologia Marinha em Woods Hole, Massachusetts.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> BARBOUR, Thomas. First Annual Report of the Barro Colorado Island Biological Station in the Panama Canal Zone, 7 de março de 1925, Caixa 11, Pasta 2; Barro Colorado Island Laboratory, Caixa 6, Pasta 4; James Zetek para Jay J. Morrow, 27 de março de 1923; Jay J. Morrow para James Zetek, 16 de abril de 1923, Caixa 25, Office of the Secretary, Area Biológica da Zona do Canal, Registros, 1912-1965, RU 135, SIA; Thomas Barbour para James Zetek, 2 de março de 1924, Caixa 1, Pasta 4; Comitê sobre a organização e incorporação do Instituto para Pesquisa na América Tropical, Relatório, 15 de janeiro de 1921, Caixa 1, Pasta 1; Conferência sobre Pesquisa na América Tropical, Relatório, 12 de junho de 1920, Caixa, Pasta 1; Albert Spear Hitchcock para Alexander G. Ruthven, 21 de novembro de 1924, Caixa 1, Pasta 2; Alexander G. Ruthven para Albert Spear Hitchcock, 24 de março de 1924, Caixa 1, Pasta 4; Registros da CZBA, 1918-1964, RU 134, SAI; BENSON, Keith R. Review Paper, The Naples Stazione Zoologica and its Impact on the Emergence of American Marine Biology. *Journal of the History of Biology* 21, 1988, pp.331-341; GROSS, Alfred O. Barro Colorado Island Biological Station. *Annual Report of the Smithsonian Institution for 1926*, Washington, United States Government Printing Office, 1927, pp.327-342; HAGEN, Joel B. Problems in the Institutionalization of Tropical Biology: the Case of the Barro Colorado Island Biological Laboratory. *History and Philosophy of the Life Sciences* 12, 1990, pp.235-237; MAIENSCHEN, Jane. *100 Years of Exploring Life: The Marine Biological Laboratory at Woods Hole*. Boston, Jones and Batlett, 1989, pp.11-16, 19-25, 64-70,104-107; MCLLNEY,

## A Invasão da Arcádia

Como Pauly demonstrou, as estações de campo como Nápoles e Woods Hole foram cruciais para a biologia na virada do século XX, por motivos intelectuais, profissionais e sociais. As estações de campo desenvolveram comunidades intelectuais cujas idéias se desenvolveram, se intercomunicaram e se refinaram. Forneciam um alívio focalizado das rotinas quotidianas de trabalho e responsabilidade. Foram, como já se escreveu, clubes de campo científicos ou acampamentos de verão, com conexões e tratativas feitas em conversações casuais e ambientes informais. Essas relações informais são freqüentemente muito importantes para o progresso da carreira e o controle de uma especialidade por um grupo pequeno e de elite; assim a admissão a essas organizações que alimentam essas relações é freqüentemente restritiva.<sup>17</sup>

A lista de cientistas que trabalhavam no Laboratório da IBC logo parecia um “Quem é Quem na Ciência”, incluindo a elite americana de história natural – William Morton Wheeler, Thomas Barbour, David Grandison Fairchild, Frank Chapman, Alexander Wetmore, Warder C. Allee, Curt Ritcher, Theodore C. Snerla e Robert Yerkes. Arthur Compton realizou ali estudos de raios cósmicos. Esses homens representavam a elite das instituições da ciência americana – a Universidade Harvard, com seu Museu de Zoologia Comparada, a Universidade Johns Hopkins, a

---

Eleanor H. Barro Colorado Island. *Smithsonian Torch*, May-July 1956, passim; ROSSITER, M. W. *Women Scientists in America...* Op.cit., pp.47-48, 86-88 e 122; BARBOUR, Thomas e WHEELER, William Morton. *Dictionary of American Biography*, James Zetek Papers. *Guide to Smithsonian Archives*, Washington, D.C., Smithsonian Institution Press, 1996.

<sup>17</sup> PAULY, P. J. Summer Resort and Scientific Discipline. Op.cit., pp.121-150; ROSSITER, M. W. *Women Scientists in America...* Op.cit., pp.86-88; MAIENSCHEN, J. *100 Years...* Op.cit., pp.vii-viii, xiii-xvi, 151-174. Para uma discussão adicional sobre os clubes masculinos, veja BALTZELL, E. Digby. *Philadelphia Gentlemen: The Making of a National Upper Class*. New Brunswick, New Jersey, Transactions Publishers, 1989; e DORNHOFF, G. William. *The Bohemian Grove and Other Retreats: A Study in Ruling-Class Cohesiveness*. New York, Harper & Row Publishers, 1974.

Universidade de Chicago, o Museu Americano de História Natural e a Smithsonian.<sup>18</sup>

Vários cientistas escreveram relatos populares sobre seus trabalhos em Barro Colorado, estabelecendo reputações internacionais para si próprios e gerando considerável lucro. *The World as my Garden* de David Fairchild e *Jungle Island* de Warder e Marjorie Allee tornaram Barro Colorado um lugar bem conhecido. O mais famoso era Frank Chapman, do Museu Americano de História Natural, cujo relato popular sobre suas excursões na Ilha de Barro Colorado, *My Tropical Air Castle: Nature Studies in Panama*, foi re-editado várias vezes. Os pronomes possessivos e as imagens de castelo masculino evocavam conotações de um reino masculino. Esses volumes reforçavam as visões arcadianas e carregadas de gênero sobre os trópicos na imaginação popular.<sup>19</sup>

Nos períodos iniciais do desenvolvimento da estação, propõe-se um dormitório para as mulheres. As mulheres tinham uma “bancada” para pesquisa na Estação Zoológica de Nápoles e um dormitório para mulheres foi construído em 1915 no Laboratório de Biologia Marinha (LBM) em Woods Hole. O trabalho nessas estações foi muito importante nas carreiras de biólogas do século XIX como Ida Hyde e Mary Jane Rathbun. Entretanto, em 1897, as mulheres, especialmente as professoras, foram afastadas de Woods Hole como parte de uma campanha de profissionalização dos biólogos que tentavam aumentar seu *status* e exclusividade. As biólogas profissionais ainda tinham acesso às instalações do LBM, mas foram excluídas do gerenciamento da

---

<sup>18</sup> MCLLHENY, E. Barro Colorado Island. Op.cit., pp.7-8. Ver também os relatórios anuais da Estação Biológica da Ilha de Barro Colorado, na caixa 11, Registros do Secretário CZBA, 1912-1965, RU 135, SIA; Entrevista de História Oral com Graham Bell Fairchild, 1989, RU 9559, SIA.

<sup>19</sup> ALLEE, Warder C. e ALLEE, Marjorie Hill. *Jungle Island*. Chicago, Rand McNally, 1925; CHAPMAN, Frank. *My Tropical Air Castle: Nature Study in the Tropics*. New York, Appleton, 1938; e FAIRCHILD, David Grandison. *The World Was My Garden*. New York, Charles Scribner's Sons, 1938.

## A Invasão da Arcádia

estação e as tensões continuavam entre os dois sexos. Em 1925, as doutoras Helen A. Choate e Frances Grace Smith, do Smith College, visitaram a nova estação de campo do Panamá e propuseram formalmente a idéia de um dormitório para mulheres em Barro Colorado. Em seu relatório anual, Barbour observou no item “Necessidades Adicionais”

Um prédio para as mulheres pareceria desejável, pois tem havido muitos pedidos de mulheres pesquisadores, assim como de esposas ansiosas em ajudar o trabalho de seus maridos. Hoje, nenhuma mulher pernoita na ilha. Um prédio adequado poderia ser construído por cerca de \$5.000.<sup>20</sup>

Enquanto Barbour parecia simpatizar com a proposta, as atitudes hostis contra as mulheres persistiam em Barro Colorado e, de fato, foram levadas para lá por veteranos de Woods Hole. Em seus primórdios, a estação de IBC era financiada por dois homens, Barbour, do Museu de Zoologia Comparada, rico herdeiro de um industrial têxtil, e David Grandison Fairchild (1869-1954), o bem relacionado genro de Alexander Graham Bell e membro *junior* da National Geographic Society, que assegurou o patrocínio de seus ricos membros, Barbour Lathrop e Allison Armour, para a maioria das instalações iniciais da ilha de Barro Colorado. Em recompensa por seu apoio financeiro, Fairchild ganhou uma alta posição gerencial na estação de campo, enquanto Hitchcock se desligava.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> BARBOUR, T. First Annual Report 1925... Op. cit., pp.4, 6 e 8; PAULY, P. J. Summer resort... Op. cit., pp.128-134; ROSSITER, M.W. *Women Scientists in America*... Op. cit., pp.86-88, 122, 306.

<sup>21</sup> Hitchcock para Rutven, 21 de novembro de 1924, Caixa 1, Pasta 2; Ruthven para Hitchcock, 24 de março de 1924 e Hitchcock para Ruthven, 27 de março de 1924, Caixa 1, Pasta 4, Registros da CZBA, 1918-1964, RU 134, SIA; História Oral de Fairchild, RU 9559, SIA. DOUGLAS, Marjory Stoneman. *Adventures in a Green World: The Story of David Fairchild and Barbour Lathrop*. Miami, Field Research Projects, 1973; FAIRCHILD, David Grandison. *The Jungles of Panama*.

Quando o dormitório feminino na ilha de Barro Colorado foi proposto pela primeira vez, Fairchild “explodiu”. Em 10 de setembro de 1924, escreveu uma longa carta a Barbour sobre os futuros planos para o laboratório na ilha, afirmando:

Penso que as mulheres devem buscar financiamento para um dormitório feminino contíguo ao nosso laboratório – uma instituição tão completamente separada quanto permita o gerenciamento doméstico. Conversei sobre todo isso com Richter da Johns Hopkins (Phipps Institute) na nossa vinda. Ele acabou de retornar de Woods Hole e assim pôde comparar Barro Colorado com Woods Hole e concorda inteiramente comigo em que devemos impedir que nossa instituição se desvie para as praias da popularidade e das multidões. Sou um homem casado e gosto de minha esposa tanto quanto qualquer homem pode gostar, mas a questão não é de conveniência e sim se é possível, se permitirmos a presença das mulheres, manter em Barro Colorado aquilo que para mim é absolutamente sagrado. Não acredito que a mesma curiosa atmosfera estimulante possa ser mantida em um grupo de homens e mulheres se comparadas a um grupo só de homens. Meu querido sogro, o sr. Bell também sentia essa impossibilidade e nunca admitia as mulheres nas suas chamadas “Noites de Quarta Feira”, porque descobrira imediatamente que existia um espírito de deferência em relação às senhoras, que distraía a intensa refrega intelectual que acontecia ali naquelas noites memoráveis. Para mim, o bem mais precioso que temos naquele laboratório é essa associação íntima que nós homens agora podemos ter. Como Richter salientou, o elemento sexo é impossível de ser eliminado de tal agrupamento de homens e mulheres; com certeza o teríamos, se aceitássemos as mulheres. Vamos manter um lugar onde os verdadeiros homens de pesquisa possam encontrar um tranqüilo e agradável estímulo intelectual e liberdade de qualquer distração externa, e se possível de

---

*National Geographic Magazine* 41, 1922, pp.131-45; HAGEN, J. B. Problems... Op.cit., p.31; “Fairchild, David Grandison”, *Dictionary of American Biography*.

## A Invasão da Arcádia

modo tão simples quanto possível em qualquer instituição bem equipada. Preocupações com fornecimento de comida ou com as mesquinhas personalidades dos criados, ou qualquer outra coisa que precise ser decidida em relação a esses assuntos que roubam dos homens o precioso tempo que desejam para o trabalho, constituem erros. É nosso dever reduzir essas coisas ao mínimo e devo dizer que até agora temos procedido assim.

Wheeler tem idéias definitivas sobre a questão feminina. Ele nos deliciou com estórias sobre o elemento feminino na outra estação onde passou uma temporada e concordamos ali no Hotel Washington que seria um erro considerar a admissão delas nesse laboratório que construímos.

Se as mulheres querem vir, vamos separar, digamos, \$10,000 e construir um outro laboratório em algum outro lugar na ilha, onde possam chegar de barco. Encontros ocorrerão, se forem realmente necessários.<sup>22</sup>

O restante da carta tratava de planos para melhorar as instalações da ilha. Fairchild invocava o já bem gasto ponto de vista das esferas separadas para homens e mulheres, e sua sugestão de um elevado custo para o prédio, \$10.000, duas vezes superior ao que Barbour mais tarde sugeriria, mais uma vez reflete a sovinnice masculina quando se trata de oportunidades para mulheres. Barbour enviou a carta a James Zetek, gerente do laboratório da IBC, e a Alexander Wetmore e as opiniões de Fairchild prevaleceram. Embora Barbour pensasse que um dormitório feminino seria construído, ele confidenciou a Fairchild:

Compreendo que homens e mulheres se relacionem promiscuamente em uma certa estação zoológica na Guiana Inglesa, mas enquanto o bafo de escândalo tem sido mantido longe da ilha de Barro Colorado, e sendo quase vizinhos de uma comunidade latino-americana onde tais “libertinagens são ainda desencorajadas”, penso que

---

<sup>22</sup> David Fairchild para Thomas Barbour, 10 de setembro de 1924. Op. cit.

devemos ter muito cuidado para não ser motivo de falatórios.

Nenhuma instalação para as mulheres foi construída até o término da Segunda Guerra Mundial, quando o laboratório da ilha tornou-se parte da Smithsonian. Algumas mulheres realizaram pesquisas na ilha nas duas primeiras décadas, mas tinham que permanecer em terra firme e viajar todo dia de barco até a ilha. As observações de pássaros no começo da manhã, a coleção noturna de insetos e roedores e estudos durante 24 horas das plantas fluorescentes permaneceram inacessíveis às mulheres naturalistas. Como viajantes diurnas, elas também não participavam das refeições em comum, das discussões noturnas e da camaradagem no edifício principal da ilha. As discussões científicas em altas horas da noite aconteciam sem a presença delas, e as relações informais, próximas, resultado da vivência na ilha permaneciam um assunto só de homens. Os homens envolvidos na criação do IBC refletiam uma vasta gama de atitudes em relação às mulheres, da aparente misoginia de Fairchild ao apoio cauteloso de Barbour ou a crença de Hitchcock na igualdade de gênero. Por fim, porém, o dinheiro falou mais alto. As opiniões dos indivíduos que arrecadaram a maior parte dos fundos para os prédios na ilha prevaleceram e o acesso das mulheres à estação de campo foi limitado.<sup>23</sup>

Mesmo essas visitas diurnas causavam desconforto a alguns dos homens da IBC que achavam que as mulheres que observavam pássaros estavam tornando a ilha muito “popular”. Sugeriu-se que as ornitólogas fossem enviadas à Reserva Florestal, próximo a Summit Gardens, para mantê-las longe de Barro Colorado. Frank M. Chapman expressou preocupações quanto à permissão para que as mulheres vissem algumas das pesquisas

---

<sup>23</sup> Thomas Barbour para James Zetek, 25 de setembro de 1924, Registros da CZBA, Caixa 1, Pasta 4, Thomas Barbour para David G. Fairchild, 2 de março de 1924, Caixa 1, Pasta 4, Registros CZBA, 1912-1965, RU 134. HAGEN, J. B. Problems... Op.cit., pp.229-230, 233, 237.

## A Invasão da Arcádia

realizadas na IBC. Sidney W. Britton realizava experiências de fisiologia em bicho-preguiça que freqüentemente envolviam cirurgias. Dado o papel das mulheres no movimento antiviviseccionista, Chapman escreveu a Barbour, em 1938, para precavê-lo contra a presença de mulheres na ilha quando Britton estivesse na ilha, afirmando: "... pode ser desastroso ter certos tipos de amantes da natureza, principalmente mulheres, enquanto Britton estiver aqui". Chapman queixava-se que "com certeza seria dito que enquanto reivindicamos ser conservacionistas, na verdade exterminamos a vida da ilha". Ele solicitava que Barbour "dissesse às mulheres que a ilha estava cheia, e as mantivessem longe". Embora Barbour e Zetek não concordassem muito com algumas experiências realizadas em macacos e bicho-preguiça, a antivivisseccção era vista em termos de gênero – as mulheres provavelmente seriam mais sensíveis ao sofrimento dos animais experimentais. Mesmo à luz do dia, as mulheres continuavam sendo uma ameaça aos "verdadeiros homens de pesquisa", especialmente se criticassem o tipo de trabalho que era realizado na ilha.<sup>24</sup>

A ilha de Barro Colorado permaneceu uma instituição particular e exclusivamente científica para os cientistas norte-americanos por cerca de duas décadas. Suas portas estavam fechadas aos cientistas latino-americanos, assim como às mulheres. Na maior parte, os cientistas que a visitavam permaneciam isolados não somente do mundo normal de suas casas e escritórios, mas também da comunidade latino-americana

---

<sup>24</sup> Thomas Barbour para Jams Zetek, 16 de novembro de 1925, 19 de abril de 1926 e 27 de fevereiro de 1935, Caixa 21, Pasta 2, Frank M. Chapman para Thomas Barbour, 22 de janeiro de 1938, Caixa 15, Pasta 3, James Zetek para Thomas Barbour, 12 de novembro de 1925, Registros do Secretário da CZBA, 1915-1965, RU 135, SIA. BRITTON, Sidney, KLINE, W. R. F. e SILVETTE, H. *Blood-chemical and other conditions in normal and adrenalectomized sloths*. Washington, D.C., American Physiological Society, 1828; BUETTINGER, Craig. Women and antivivisection in Late Nineteenth-century America. *Journal of Social History* 30, 4, junho de 1977, pp.857-870.

ao seu redor. Houve algumas exceções, como Alexander Wetmore, Secretário da Smithsonian, que visitou a estação anualmente enquanto realizava pesquisas para sua obra em quatro volumes, *The Birds of Panama* (Os Pássaros do Panamá). Wetmore falava espanhol fluentemente e adorava viajar pelo istmo, permanecendo por semanas em remotos vilarejos. Ele se adaptava facilmente à vida nos vilarejos e estabeleceu relações duradouras com os panamenhos. Wetmore se correspondia com muitos naturalistas latino-americanos, amadores e profissionais, e estabeleceu relações duradouras com seus amigos ornitologistas. Mas os estilos pessoais de Barbour e Wetmore nunca foram o estilo predominante no Laboratório Biológico da IBC. Nas primeiras duas décadas, permaneceu um enclave de uma elite de homens cientistas norte-americanos.<sup>25</sup>

#### **“Gramíneas mais lindas que diamantes” – Chase na América Latina**

Apesar dessas barreiras às mulheres cientistas, Chase continuou disposta a realizar pesquisas no campo neotropical e mirou ainda mais ao sul, o Brasil, um ambiente diferente, repleto de tesouros para os botânicos. Em uma época em que as mulheres que excursionavam viajavam com a família ou amigos, Chase, destemida, viajou sozinha. Durante suas duas décadas no Herbário Nacional, estabeleceu uma rede que abrangia muitos cientistas latino-americanos. Agora, era sua vez de pedir conselhos, apoio logístico e hospitalidade. Chase conseguiu congrega o apoio de vários herbários que compartilhariam seus espécimens, incluindo o Departamento de Agricultura, o Jardim Botânico de Nova Iorque e o Museu de Campo de História Natural, o Herbário Gray e o Jardim Botânico do Missouri, e

---

<sup>25</sup> RIPLEY S. DILLON e STEED, James A. Alexander Wetmore: June 18, 1886-December 7, 1987 Biographical Memoirs. *National Academy of Sciences* 56, 1987, pp.597-626; WETMORE, Alexander. *The Birds of the Republic of Panama*. Washington, D.C., Smithsonian Institution Press, 1965-19xx, 4 vols.

## A Invasão da Arcádia

pagou o resto de suas despesas com seus próprios recursos. Quando Chase embarcou para o Rio de Janeiro em outubro de 1924, estava realizando “um sonho longamente cultivado”.<sup>26</sup>

Chase coletou durante oito meses no leste do Brasil, abrangendo as estações seca e chuvosa. Foi acolhida por vários botânicos brasileiros com quem se correspondia há anos. Dona Maria Bandeira pesquisava musgos no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Chase ajudou-a e encorajou-a durante anos. Quando Chase chegou ao Brasil, Bandeira fez de tudo para ajudar seu trabalho e chegou até mesmo a viajar com ela. A viagem foi tudo o que Chase havia sonhado. Nas viagens ao Corcovado, a Recife, à Serra do Genipapo, a Garanhuns, ao Rio São Francisco, à Bahia e a Minas Gerais, encontrou verdadeiros tesouros de espécimes nos mais diferentes ambientes brasileiros. Chase não rumou para a fabulosa Amazônia; ao contrário, explorou as gramíneas, nos campos, sertão, caatingas e nas margens de pequenos rios. No sertão, só encontrou gramíneas protegidas debaixo de arbustos e cactos espinhentos, dado o excessivo pastoreio da terra. Maravilhou-se com a visão da Cachoeira de Paulo Afonso, uma queda d'água quase o dobro da Niágara, no meio de uma caatinga onde era difícil encontrar uma árvore. Excitava-se ao descobrir que uma planta da qual conhecia apenas um pequeno fragmento, media, na verdade, mais de dois metros. No campo, nas diversas estações, podia observar as plantas vivas, suas formas, cores, ambiente, flores, sementes, predadores e polinizadores. Chase viajou de trem, de caminhão, a cavalo, a jumento, a pé; muitas vezes, oito ou dez quilômetros, por dia, a pé. Chase e Maria Bandeira escalaram um dos mais altos picos no Brasil, as Agulhas Negras na Serra do Itatiaia, e desceram com suas saias cheias de espécimens vegetais. Chase emocionava-se com a visão do nascer do sol sobre as montanhas e as campinas cheias de açucenas, margaridas e musgos. Voltaram ao Rio,

---

<sup>26</sup> CHASE, Agnes. Collecting Grasses in Brazil. *Journal of the New York Botanical Gardens* 26, 1925, pp.196-198.

escreveu Chase, “felizes, sujas e cansadas”. Achou os brasileiros muito gentis e amigáveis, mas escreveu:

os homens, às vezes, são um estorvo... Um velho, no interior da Bahia, me disse para retornar à cidade, pois era perigoso andar sozinha. Para me livrar dele, comecei a fazer o caminho de volta à cidade, mas dei meia volta e desapareci, imaginei. Porém ele me viu e me mandou voltar, mas eu podia andar mais rápido do que ele, de modo que desistiu. Ser desobedecido por uma mulher, deve ter sido muito difícil suportar!

Com o dr. H. P. Rolfs da Escola de Agronomia em Viçosa, Minas Gerais, e sua filha, Clarissa Rolfs, Chase visitou os picos da Serra da Gramma. Chase e a sra. Rolfs partiram em direção ao pico da Bandeira, e acamparam para coletar no Pontão Cristal. Chase voltou aos Estados Unidos em maio, com exemplares de mais de quinhentas espécies de gramíneas. Sua pesquisa de campo foi considerada muito proveitosa e resultou em várias publicações excelentes.<sup>27</sup>

Mais de doze anos se passaram, desde sua tentativa fracassada de coletar no Panamá, antes que Chase conseguisse chegar nos neotrópicos. Nunca foi capaz de invadir a Arcádia fundada e financiada por naturalistas homens que pesquisavam os neotrópicos. Quando finalmente chegou ao Brasil, viajou sozinha, com financiamento proveniente de seus próprios recursos e várias outras fontes, funcionando, em essência, como um coletor pago,

---

<sup>27</sup> Agnes Chase, Maria Bandeira correspondence está na Caixa 3, e a palestra de Agnes Chase para a Sociedade de Biologia de Washington, realizada em 24 de Outubro de 1925, na Caixa 12, Pasta 4, Divisão de Gramíneas, Registros 1884-1963, RU 229, SIA. CHASE, Agnes. Eastern Brazil through an Agrostologist's Spectacles. *Annual Report of the Smithsonian Institution for 1926*. Washington, United States Government Printing Office, 1927, pp.383-403. Botanical Expedition to Brazil, Explorations and Field-Work of the Smithsonian Institution in 1925, Washington, Smithsonian Institution, 1926, pp.48-54, e Collecting Grasses in Brazil, *Journal of the New York Botanical Garden* 26, 1925, pp.196-198.

## A Invasão da Arcádia

na tradição de Bates e Wallace. Viajou sem apoio logístico formal ou a companhia de colegas norte-americanos. Mas adorou a experiência, que veio a ser a primeira de muitas.

Chase termina seu artigo descrevendo sua viagem ao Brasil com essas palavras: “Quando seis meses em um pequeno recanto do Brasil produz um número tão grande [de espécimes de gramíneas], isso nos faz desejar explorar mais o país”. Em 1929, voltou ao Brasil para outros oito meses de coleta, pagos com seus próprios recursos. Chase estava acompanhada, durante certo tempo, de outra botânica, Inez Mexia, da Universidade da Califórnia. Juntas escalaram o Pico da Bandeira, acampando nos campos perto do cume. Perto de Diamantina e de suas antigas minas de diamante, ela “descobriu gramíneas mais lindas que diamantes”. As agruras da pesquisa de campo eram oportunidades para Chase; quando o caminhão em que viajava repetidamente atolava na lama, passava o tempo coletando gramíneas à beira da estrada. Mais uma vez, retornou com uma enorme coleção, incluindo muitas gramíneas desconhecidas da ciência.<sup>28</sup>

Em 1940, um ano após sua aposentadoria formal do Departamento de Agricultura dos EUA, Chase foi convidada pelo Ministério da Agricultura da Venezuela a desenvolver um projeto de pesquisa agrostológica e manejo de pasto. Aos 71 anos de idade, viajou por todo o norte, leste e oeste da Venezuela durante seis semanas, em uma época de seca, coletando cerca de 1.500 espécimens. Chase se correpondera durante muitos anos com o Diretor do *Servicio Botanico* do Ministério da Agricultura, Henri Pittier, que havia trabalhado antes para o Departamento de Agricultura americano. Com Pittier e sua assistente, Zoraide Luces, Chase coletou gramíneas nas margens de rios guarnecidos com

---

<sup>28</sup> Agnes Chase, palestra sobre as pesquisas de campo no Brasil, sem data e “Brazil, 1929-1930”, Caixa 12, Pasta 4, Agnes Chase para Harold C. Anderson, 20 de dezembro de 1941, Caixa 3, Alfred S. Hitchcock para W. A. Taylor, 22 de abril de 1929, Caixa ?, Pasta ?, Divisão de Gramíneas, Registros, 1884-1963, RU 229, SIA. CHASE, Collecting Grasses in Brazil. Op.cit., p.198.

palmeiras de Moriche. Viajou dos campos aos Andes, aos planaltos, e subiu o rio Orenoco. Em seu relatório sobre a flora da Venezuela, aconselhou o Ministério a contratar um especialista em gramíneas e ofereceu-se para treinar Luces em Washington. Depois que Luces estagiou um ano no Herbário Nacional sob supervisão de Chase, foi nomeada botânica no Ministério de Agricultura da Venezuela. Durante anos seguidos, Chase e Luces se corresponderam; Chase encorajava a jovem colega e trabalhava para ajudar sua carreira. Por sua vez, Luces, agora Luces de Febres, traduziu, em 1959, para o espanhol o popular livro de Chase de introdução às gramíneas, *First Book of Grasses*, fazendo assim que influenciasse um público ainda maior. A obra continua disponível hoje em inglês, espanhol e português.<sup>29</sup>

Luces de Febres foi uma dentre as dezenas de jovens naturalistas latino-americanos que Chase convidou a Washington, D.C., freqüentemente hospedando-os em sua casa (apelidada de Casa Contenta) e treinando-os no museu. Chase apoiava especialmente as jovens botânicas, tentando abrir-lhes portas, que ela antes encontrara fechadas. Continuou orientando muitos desses jovens naturalistas quando voltavam a seus países, pagando os muitos favores recebidos de seus colegas latino-americanos durante anos. Sem o apoio deles, Chase nunca teria tido a oportunidade de realizar suas pesquisas de campo. Assim o

---

<sup>29</sup> Agnes Chase para Henri Pittier, 11 de novembro de 1942 e 5 de julho de 1945 e Henri Pittier para Chase, 19 de julho de 1943, Caixa 30 e a correspondência de Agnes Chase/Zoraida Luces de Febres na Caixa 5, Divisão de Gramíneas, Registros, 1884-1963, RU 229, SIA. *Annual Report of the Smithsonian Institution*, 1946, Washington, D.C., Government Printing Office, 1947, p.26; CHASE, Agnes. Studying the Grasses of Venezuela. *Explorations and Field-Work of the Smithsonian Institution in 1940*. Washington, Smithsonian Institution, 1941, pp.1-66; *First Book of Grasses*, 1996, op. cit; CHASE, Agnes. *First Book of Grasses*. New York, The Macmillan Co., 1922; *Primero libro de las Gramíneas: la estructura de las gramíneas explicada a los principiantes*. Turrialba, C.R. Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas, 1959, trad. Zoraida Luces de Febres; e *Primeiro livro das gramíneas: noções sobre estrutura com exemplos da flora brasileira*. São Paulo, Instituto de Botânica, 1991, trad. Tatiana Sendulsky ).

## A Invasão da Arcádia

relacionamento que Chase estabeleceu com os botânicos latino-americanos floresceu durante toda sua longa carreira. Viajando sozinha no campo em seus países, Chase pedia ajuda a seus correspondentes de longa data. Os laços forjados por sua hospitalidade, pesquisas de campo compartilhadas, anos de correspondência epistolar, e visitas à casa de Chase em Washington mantiveram-se apesar da distância entre a América do Norte e a do Sul. Chase e Bandeira corresponderam-se durante vários anos, enquanto Bandeira excursionava pelo país durante a revolução e em 1931 enquanto estudava o protoplasma dos musgos no laboratório de fisiologia do professor Louis Edouard Laticque, em Paris. Chase lamentou a perda para a ciência, quando Bandeira, mais tarde, tornou-se freira. As ligações de Chase com seus colegas latino-americanos tais como Bandeira, Luces de Febres, Pittier e Rolfs, permaneceram muito próximas durante toda sua vida. Tendo negado o acesso à pesquisa de campo com apoio institucional, Chase rompeu barreiras e estabeleceu relações mais informais, porém mais próximas dos cientistas latino-americanos do que de seus colegas homens.<sup>30</sup>

## Conclusões

Como observou Kohlstedt, as mulheres do século XIX trabalharam na periferia da ciência, ao realizar “trabalhos femininos” como a arte ou ajudando seus parentes masculinos. As primeiras mulheres nas ciências de campo muitas vezes eram esposas ou filhas ou irmãs dos cientistas. Mary Jane Rathbun começou sua carreira como ajudante voluntária de seu irmão Richard em Woods Hole. Marjorie Alle freqüentemente realizou visitas diurnas à ilha de Barro Colorado, para ajudar o trabalho de campo de seu marido e ambos co-escreveram um livro popular

---

<sup>30</sup> Maria Bandeira para Agnes Chase, 8 de agosto de 1927, 12 de dezembro de 1929, 8 de janeiro de 1931, Agnes Chase para Maria Bandeira, 18 de setembro de 1927, 20 de agosto de 1929, 29 de janeiro de 1931, Caixa 3, Divisão de Gramíneas, Registros, 1884-1963, RU 229. SIA.

sobre a ilha. Mas, por fim, as mulheres puderam sair da periferia. Marion I. Stirling, esposa de Matthew Stirling, diretor do Escritório de Etnologia Americana da Smithsonian, visitou várias vezes a ilha de Barro Colorado durante a pesquisa no canal do Panamá nos anos 1940 e 1950, finalmente rompendo a proibição de as mulheres pernoitarem na ilha. Até mesmo David Fairchild trouxe sua esposa em uma visita à ilha de Barro Colorado em 1941! Após a morte de Barbour em 1946, o Secretário da Smithsonian, o ornitologista Alexander Wetmore trouxe o Laboratório Biológico da IBC para a jurisdição da Smithsonian e, logo depois, foram construídas instalações para as mulheres. As ornitólogas, afiliadas à Sociedade Audubon, **acorreram???** para realizar suas pesquisas na IBC. Quando Marie L. Farr, botânica da Universidade Estadual de Iowa, escreveu, em 1956, solicitando autorização para realizar suas pesquisas na ilha, responderam que ela teria acesso a acomodações na ilha, assim como às instalações na zona do Canal, como clubes e comissariados. O secretário assistente da Smithsonian, John E. Graft, terminou a carta afirmando: “Ficaremos felizes em fazer o que estiver ao nosso alcance para tornar produtiva sua visita”. Em 1960, funcionários permanentes em tempo integral, foram designados para a ilha, vivendo aí com suas esposas e crianças. As mulheres ainda encontravam barreiras, mas pelo menos podiam tentar superá-las na própria ilha. O clube de campo arcadiano de Fairchild tornou-se mais parecido com o Woods Hole que ele desprezava, uma comunidade complexa, e não um refúgio sagrado masculino. É interessante notar que historiadores como Hagen sustentam que o potencial científico de Barro Colorado só foi alcançado nos anos 1960.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Marie L. Farr para o Diretor, Instituto Smithsonian, 22 de junho de 1956, e John E. Graf para Marie L. Farr, 2 de julho de 1956, Caixa 16, Pasta 4, Registros Secretário do CZBA, 1912-1965, RU 135, SIA; o filme da Sociedade Geográfica Nacional sobre a ilha de Barro Colorado pelo fotógrafo Richard Stewart, 1950; mostra as acomodações de Stirling na ilha, Caixa 240, Documentos de Alexander Wetmore, RU 7006, Sia. HAGEN, J. B. Problems... Op.cit., pp.240-243, 246-247; KOHLSTEDT, In from Peripheries... Op.cit.; STIRLING, Matthew W. Exploring the Past in Panama. *National Geographic Magazine* 95-3, 1949, pp.37-

## A Invasão da Arcádia

Nossa figura central, Mary Agnes Chase, entrou na ciência segundo a maneira tradicional para as mulheres, como uma ilustradora científica, mas não tinha um parente masculino para facilitar seu trabalho no campo. Depois de ingressar na ciência, moveu-se para o centro do mundo botânico como a mais eminente agrostologista da época. Sua carreira foi ajudada e apoiada por seu supervisor, Albert Spear Hitchcock, que lhe deu todas as oportunidades a seu alcance e a protegeu quando necessário. Ela fez juz ao julgamento de Hitchcock e realizou rigorosas pesquisas de campo sem um macho dominante para protegê-la. Conseqüentemente, ela não teve acesso a financiamento, apoio logístico e estações de campo que facilitavam a vida dos homens cientistas naqueles tempos. Entretanto, ela lutou sozinha, firmou-se como pesquisadora de campo de sucesso e desenvolveu relações muito próximas com a comunidade científica latino-americana. Trouxe seus próprios valores de igualdade para seu trabalho científico e relações profissionais.

O trabalho de campo nos neotrópicos era então uma luta para Chase e outras mulheres cientistas numa época em que se facilitava de todas as maneiras tal trabalho para os homens. Botânicos homens como David Grandison Fairchild receberam generoso apoio financeiro de ricos patrocinadores, transporte grátis da *United Fruit Company* e apoio logístico dos Estados Unidos: governo, militares e Comissão do Canal do Panamá. Todas as suas necessidades básicas eram providenciadas: as refeições preparadas, pratos limpos, roupas lavadas, cabines arrumadas – magicamente permitindo que se concentrassem somente na pesquisa. A atmosfera da estação de campo fornecia um rico ambiente para interação entre os cientistas norte-americanos. Entretanto, permaneceu um clube de campo

---

39; e Exploring Ancient Panama by Helicopter. *National Geographic Magazine* 97-2, 1950, pp.227-246.

Pamela Henson

exclusivo, excluindo mulheres, e igualmente importante, os cientistas latino-americanos.

Ao contrário, Chase persistia em seus esforços para realizar pesquisas de campo na América Latina sem nenhuma das vantagens ou apoio disponíveis a seus equivalentes masculinos. Talvez por causa disso, estabeleceu laços íntimos com colegas latino-americanos, mantendo uma viva rede de correspondentes, desfrutando de sua hospitalidade quando visitava a América Latina e hospedando-os em suas longas visitas a Washington. Tornou-se tão conhecida na América do Sul como na América do Norte e foi capaz de ajudar a carreira de mulheres botânicas por toda a América Latina.